



Veredas atemática

Volume 17 nº 2 - 2013

**A infraestrutura textual de resumos acadêmicos (*abstracts*)
publicados em periódicos de literatura**

Evandro Gonçalves Leite (IFRN)
Francisco Edson Gonçalves Leite (EEPC)
Regina Celi Mendes Pereira (UFPB)

RESUMO: O trabalho tem o objetivo de analisar a organização da infraestrutura textual de resumos (*abstracts*) de artigos científicos. São 15 (quinze) resumos, coletados em três periódicos da área de literatura representativos de diferentes estratos de qualificação na avaliação de periódicos da Capes. Os dados são submetidos a uma análise de natureza qualitativa e quantitativa, a partir da caracterização do gênero resumo e de aportes teóricos do Interacionismo Sociodiscursivo, notadamente quanto ao conceito de infraestrutura textual. Os resultados evidenciam que a infraestrutura dos resumos não segue rigidamente as prescrições socialmente legitimadas para o gênero, a despeito de certa estabilidade bastante característica dos gêneros acadêmicos.

Palavras-chave: gênero resumo; infraestrutura textual; Interacionismo Sociodiscursivo.

Introdução

O estudo de gêneros da esfera acadêmica tem despertado cada vez mais o interesse das mais diversas correntes de análise de gêneros e tem motivado pesquisas no âmbito do Grupo de Estudos em Letramentos, Interação, Trabalho (GELIT/UFPB), por meio do Projeto Ateliê de Textos Acadêmicos (ATA/PNPD/CAPES/CNPq)¹, que analisa os parâmetros de produção

¹ O Projeto Ateliê de Textos Acadêmicos está vinculado ao Programa Nacional de Pós-Doutoramento (PNPD). Apoio: CAPES – Processo nº 23038.007066/2011-60.

de textos acadêmicos, como resumo, resenha e artigo. Nosso trabalho, filiado a essa pesquisa, focaliza um desses gêneros: o resumo (*abstract*) que introduz o artigo científico. O objetivo é oferecer uma caracterização do gênero com base nos postulados do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD).

Segundo o ISD, todo texto, enquanto pertencente a um gênero escolhido e adaptado em função de uma situação de ação de linguagem, organiza-se em uma arquitetura composta de três camadas: infraestrutura textual – a mais profunda delas –, mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos. Neste trabalho, tentaremos caracterizar a infraestrutura textual do gênero resumo acadêmico. Para isso, selecionamos 15 (quinze) resumos de artigos publicados em três periódicos da área de literatura.

O trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: primeiramente, fazemos uma exposição sobre o gênero resumo e os conceitos do ISD que servirão de categorias para análise dos resumos; em seguida, discutimos sobre questões metodológicas, com destaque para a caracterização do *corpus*; posteriormente, esboçamos a análise dos resumos quanto a sua organização infraestrutural; por fim, segue a conclusão.

1. Gênero resumo: algumas conceituações

O resumo é, grosso modo, um gênero acadêmico que tem a função de sintetizar o conteúdo de um texto. Como muitos dos gêneros acadêmicos são bastante padronizados, tornam-se foco de interesse de diferentes domínios. Neste trabalho, procuraremos conceituar o gênero, respectivamente, sob a ótica dos estudos linguísticos, da normatização da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e de manuais que orientam a produção do gênero para estudantes e pesquisadores.

No âmbito dos estudos linguísticos, tomaremos como base Machado (2010), que conceitua resumo como a apresentação sumarizada de informações de outro texto. Ela divide os resumos em “subgêneros”, alguns autônomos em relação ao texto original e outros como parte de outro texto. A partir de uma pesquisa feita na mídia impressa e digital, a autora elenca cinco tipos:

- Resumos tipicamente escolares, que, direcionados a estudantes, procedem à apresentação, de forma concisa, de todo o conteúdo da obra;
- Resenhas críticas, que, além do resumo da obra, contêm ainda avaliações;
- Contracapas de livros, que têm o objetivo de levar o leitor a ler a obra completa e, por isso, apresentam dela apenas conteúdos parciais;
- Resumos de artigos ou outras obras científicas produzidos por pessoa diferente do autor da obra resumida;
- *Abstracts* de artigos científicos e resumos de teses, que, produzidos pelos próprios autores da obra, aparecem como partes desses textos, mas podem funcionar autonomamente.

A Associação Brasileira de Normas Técnicas, através da NBR 6028 (2003), estabelece normas para a redação e a apresentação de resumos. Segundo a Norma, resumo é a “apresentação concisa dos pontos relevantes de um documento” (p. 1). Ele apresenta três subdivisões: resumo crítico (ou resenha), que é redigido por um especialista e procede a uma análise crítica de um documento; resumo indicativo, que apenas assinala os pontos principais de um documento, mas não dispensa a leitura do original; e resumo informativo, que contém

informações como objetivos, metodologia, resultados e conclusões de um documento e que, por isso, pode dispensar a leitura do original.

Além de definir o gênero e classificá-lo, a NBR 6028 (ABNT, 2003) ainda apresenta orientações quanto ao conteúdo, a questões linguísticas e até à formatação. Quanto ao conteúdo, deve conter objetivo, metodologia, resultados e conclusão, além de palavras-chave ao final. Quanto aos aspectos linguísticos, ressalta que deve ser escrito na voz ativa e em terceira pessoa e que as frases devem ser concisas e afirmativas. Quanto à formatação, normatiza a extensão do resumo, sua paragrafação, a posição de cada parte que o compõe (referência e palavras-chave).

Também manuais de metodologia científica e materiais didáticos da área de linguística ocupam-se da definição do gênero, mas com a preocupação maior de didatizá-lo para estudantes e pesquisadores.

Dos primeiros, podemos citar Medeiros (2011), que toma como base as normatizações da ABNT referentes ao gênero. Assim, ele menciona as definições, classificações e regras de construção e de apresentação dos resumos constantes na NBR 6028 (ABNT, 2003). E ainda acrescenta algumas orientações:

- ser redigido em linguagem objetiva;
- evitar a repetição de frases inteiras do original;
- respeitar a ordem em que as ideias ou fatos são apresentados.
[...]
- não deve apresentar juízo valorativo ou crítico (que pertencem a outro tipo de texto, a resenha);
- deve ser compreensível por si mesmo, isto é, dispensar a consulta ao original (MEDEIROS, 2011, p. 128).

Além disso, por se tratar de um manual que visa a “ensinar” ao estudante as características do gênero, ainda aponta algumas técnicas para a sua elaboração: supressão de elementos redundantes, generalização de ideias, seleção das ideias principais, combinação de tópicos frasais que tratam do mesmo tema, construção de frases que possam englobar várias ideias.

Dos materiais didáticos da área de linguística, podemos citar Motta-Roth e Hendges (2010), que se dedicam especificamente aos resumos/*abstracts* acadêmicos de artigos científicos, aqueles que Machado (2010) chama de *abstracts* de artigos científicos e resumos de teses. Primeiramente, as autoras definem-no como texto que acompanha outros mais longos, resumindo seu conteúdo, a fim de captar dele somente sua essência, e apresentam sua função social: “[...] tem o objetivo de sumarizar, indicar e predizer, em um parágrafo curto, o conteúdo e a estrutura do texto integral que segue. [...]” (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010, p. 152). Em seguida, expõem sua organização, que deve ser semelhante à do artigo científico, mas que pode apresentar variações: no caso do artigo de revisão de literatura, o *abstract* indicará o objetivo e as principais questões teóricas a serem desenvolvidas; no caso do artigo empírico ou experimental, o problema, o objetivo, a metodologia, os resultados e a conclusão. Por fim, apontam algumas características linguísticas do gênero, a saber:

- verbos no pretérito composto e presente do indicativo, terceira pessoa do singular, voz passiva;
- sentenças declarativas, sem abreviações, jargões, símbolos;

- linguagem econômica com sentenças simples, evitando redundâncias tais como exemplos, superlativos, ilustrações, excesso de detalhes (GRAETZ, 1985 Apud MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010, p. 159).

Como vemos, as caracterizações do gênero aqui apresentadas, embora partam de domínios diversos e, por conseguinte, tenham objetivos diferentes, apresentam muitas semelhanças. É evidente que, além desses materiais, os autores de artigos devem levar em conta também as orientações do próprio periódico a que submetem o trabalho. Na confluência desses diferentes “modelos” socialmente referenciados é que se dá a produção do gênero.

2. A organização dos textos segundo o Interacionismo Sociodiscursivo

Para o ISD, a linguagem é uma forma de ação dos sujeitos sobre o mundo, seja acompanhando, seja planejando e organizando as diversas atividades humanas, razão pela qual ela tem função importante na aquisição de conhecimentos e na própria edificação do pensamento consciente, ou, em termos vygotskyanos, das funções psicológicas superiores.

Nessa perspectiva, toda produção de texto é vista como uma ação de linguagem, ou seja, uma forma de as pessoas agirem no/sobre o mundo. Para realizarem tais ações, os sujeitos devem adquirir, através de suas próprias ações ou na avaliação das ações de outras pessoas, diversos conhecimentos, que compreendem desde a situação de produção até as realizações linguísticas em nível de construção de frases.

Bronckart (1999), a partir da análise de uma vasta quantidade de textos, oferece-nos uma descrição minuciosa desses conhecimentos envolvidos na realização de ações de linguagem, os quais propiciam uma descrição detalhada do funcionamento e da estruturação dos textos.

Segundo o autor, no processo de produção de um texto, o agente produtor, primeiramente, mobiliza conhecimentos acerca da situação de ação de linguagem. Ela compreende o contexto objetivo e sociossubjetivo da ação (emissor e sua função social, destinatário e sua função social, tempo e espaço físicos da produção, lugar social e objetivo) e o conhecimento do conteúdo temático a ser expresso no texto. Em seguida, o agente deve escolher e adaptar o modelo de gênero textual mais pertinente à ação em curso. Depois disso, tomar decisões quanto à produção do texto empírico. Bronckart (1999) apresenta a noção de folhado textual, ou ainda arquitetura textual, para designar as três camadas que entram na composição do texto empírico: infraestrutura textual (composta pelos tipos de discurso e sua articulação, pelo plano geral e pelas sequências textuais ou outras formas de planificação), mecanismos de textualização (que compreendem coesão nominal, coesão verbal e conexão) e mecanismos enunciativos (formados pelas modalizações e pelo gerenciamento das vozes). Dessas, a mais profunda seria a infraestrutura textual, e é sobre ela que nos deteremos neste trabalho de caracterização do gênero resumo.

A infraestrutura textual, conforme já dissemos, é composta pelo plano geral do texto, pelos tipos de discurso e sua articulação e pelas eventuais sequências ou outras formas de planificação.

Os tipos de discurso² constituem os elementos mais importantes da infraestrutura. Eles designam atitudes de locução que se materializam nos textos em unidades e processos linguísticos com certa estabilidade. Assim, os gêneros são unidades comunicativas globais de número infinito, ao passo que os tipos de discurso são unidades linguísticas de número finito que, por si sós, não constituem textos, mas entram na composição deles. Essas atitudes de locução definem mundos discursivos, criados por duas decisões: as coordenadas do conteúdo temático podem estar conjuntas às coordenadas da situação de produção do agente (EXPOR) ou disjuntas (NARRAR); as instâncias de agentividade podem estar implicadas ou autônomas em relação ao agente e à respectiva situação de ação de linguagem. Desse cruzamento, resultam quatro mundos discursivos que se materializam em configurações de ordem linguística, que são os tipos de discurso: mundo do narrar implicado (relato interativo), mundo do narrar autônomo (narração), mundo do expor implicado (discurso interativo), mundo do expor autônomo (discurso teórico). Esses quatro tipos podem ainda combinar-se, dando origem a outros tipos, variantes dos primeiros.

As sequências textuais são formas de planificação das macroestruturas disponíveis na memória do agente produtor, ou seja, correspondem à organização linear do conteúdo do texto. Comumente conhecidas como superestruturas textuais, elas podem ser combinadas em um texto de diferentes formas e classificam-se em seis tipos, com as respectivas fases. A apresentação a seguir traduz as formas prototípicas das sequências:

- Sequência narrativa: organização da história contada por um processo de intriga (um todo acional dinâmico que produz uma relação de causalidade entre os acontecimentos); compõe-se das seguintes fases: situação inicial, complicação, ações, resolução, situação final e, em alguns casos, avaliação e moral;
- Sequência descritiva: apresentação de aspectos e propriedades acerca de um objeto ou tema; suas fases prototípicas são ancoragem, aspectualização e relacionamento, as quais não se organizam obrigatoriamente em uma ordem linear;
- Sequência argumentativa: exposição de raciocínios lógicos a respeito de um tema; tem como fases: premissas, apresentação de argumentos, apresentação de contra-argumentos e conclusão ou nova tese;
- Sequência explicativa (ou expositiva): explicação das causas e/ou das razões de uma afirmação inicial, organizada nas seguintes fases: constatação inicial, problematização, resolução e conclusão-avaliação;
- Sequência dialogal: segmentos de discursos interativos dialogados (conversações), estruturados em turnos de fala, cada um decomposto em atos discursivos (atos de fala); suas fases são abertura, transação e encerramento;
- Sequência injuntiva: descrição de ações, para que o destinatário aja de um certo modo pretendido; suas fases são as mesmas da sequência descritiva.

As outras formas de planificação dizem respeito a outras maneiras de organização linear: são os *scripts*, que correspondem a um grau zero de planificação, e as esquematizações, que se dividem em definição, enumeração, enunciado de regras e cadeia causal.

Ainda segundo Bronckart (1999), o plano geral refere-se à organização do conteúdo temático e pode assumir formas variadas a depender do gênero de texto e de outros fatores

² Ao sentido corrente do termo discurso, comumente associado ao uso que os falantes fazem da língua, Bronckart (1999) dá o nome de *atividade de linguagem*.

que tornam o texto singular, como sua extensão, seu conteúdo temático, suporte, modalidade oral ou escrita. Ele é o resultado da combinatória entre os tipos de discurso e as sequências ou outras formas de planificação.

São essas três categorias – tipos de discurso, sequências textuais e plano geral – que constituirão nosso foco de interesse na análise mais à frente.

3. A constituição do *corpus*

Para estudar a configuração da infraestrutura de resumos acadêmicos, escolhemos 15 (quinze) resumos de periódicos da área de literatura³, representativos de diferentes estratos de qualificação: cinco de revistas *qualis* A1, cinco de revistas *qualis* B1 e cinco de revistas *qualis* B4. Assim, consultamos três periódicos diferentes, dos quais selecionamos os resumos aleatoriamente. Além dos resumos, coletamos de cada revista as normas de publicação de trabalhos, a fim de sabermos se há nessas orientações alguma(s) que se refira(m) à organização dos resumos e que possa(m) influenciar na estruturação deles.

Embora tenhamos a consciência de que todo texto se constitui de múltiplas operações em vários níveis, desde elementos contextuais até outros de natureza linguística, interessa-nos nesse momento investigar a constituição da infraestrutura textual.

4. Análise da infraestrutura dos resumos

4.1. Tipos de discurso

Quanto ao tipo de discurso, verificamos em todos os resumos estudados o discurso teórico. Assim, em relação à configuração dos mundos discursivos, trata-se do expor autônomo. Primeiramente, o conteúdo temático veiculado nos resumos é interpretado à luz dos critérios de validade do mundo ordinário e busca atender a um dos principais requisitos do fazer científico: a busca pela verdade. Além disso, as instâncias de agentividade não estão explicitamente relacionadas aos parâmetros materiais da ação de linguagem.

Nos resumos, esses mundos discursivos estão semiotizados em formas linguísticas, configurando o tipo de discurso teórico. Vejamos tais características linguísticas no exemplo abaixo:

³ No ATA, temos usado como critério de seleção das revistas a representatividade dos diferentes extratos do *qualis* periódico adotado na tabela da CAPES. Assim, constam no *corpus* resumos em periódicos classificados desde o *qualis* A1 até B5, cujo levantamento proporcionou um mapeamento dos diferentes aspectos da infraestrutura do gênero resumo.

Resumo Wu (2010)⁴

Dostoiévski desenvolve em *Crime e castigo* uma análise da forma como a intelectualidade russa nos anos de 1860 compreendia a noção de crime, quase sempre sob a tese da determinação social. O nihilismo contemporâneo a essa obra, defendida principalmente por Tchernichévski, propõe o desenvolvimento científico como instrumento de solução dos males sociais, o que levaria, inevitavelmente, à diminuição e, porventura, à extinção do crime. Aliada à tese do egoísmo racional, uma derivação do utilitarismo clássico, o maior conhecimento científico seria responsável por um autodomínio do sujeito e uma promoção do bem geral. *Crime e castigo* explora os limites dessas teses nihilistas, explorando a profundidade espiritual do indivíduo e suas contradições internas.

Nesse resumo, percebemos marcas linguísticas que Bronckart (1999) considera como definidoras do discurso teórico: uso do presente com valor genérico, emprego de frases declarativas, ausência de elementos que remetem diretamente aos interactantes e ao espaço-tempo da produção (os dêiticos com valor exofórico). Além disso, destaca-se a presença de elementos de referência intratextual (“essa obra”, “essas teses”) e referência ao intertexto científico (Tchernichévski). Trata-se, portanto, de um resumo com alto grau de objetividade e impessoalidade, o que é típico do discurso teórico.

Em outros resumos, percebemos algumas peculiaridades, mas que não chegam a configurar um outro tipo de discurso. Vejamos:

Resumo Melo (2012)⁵

Este estudo tem por objetivo discutir as representações de esporte em *Os Maias* (Eça de Queirós, 1888), um dos mais celebrados romances escritos em língua portuguesa. Argumentamos que os olhares do literato podem nos auxiliar a compreender a presença da prática no quadro das tensões culturais existentes em Portugal nas décadas finais do século 19, inclusive no que se refere à relação do país com o ideário e imaginário da modernidade.

Nesse resumo, além das características linguísticas apontadas acima, vale a pena comentar duas: a presença da primeira pessoa do plural (“argumentamos”, “nos”) e do elemento dêitico “este estudo”. À primeira vista, parece que estamos diante de segmentos de discurso interativo, já que haveria a implicação entre as instâncias de agentividade e os parâmetros físicos da ação de linguagem. Entretanto, Bronckart (1999) diz que algumas formas da primeira pessoa do plural podem remeter “[...] aos polos da interação verbal em geral [...], mas não aos protagonistas da interação em curso [...]” (p.172), enquadrando o uso de tais formas no discurso teórico. É interessante notar que em todos os resumos em que o “nós” é usado, trata-se de um(a) único(a) autor(a), o que reforça a citação de Bronckart. Considerando-se os parâmetros sociosubjetivos de produção, embora não nos estejamos concentrando nesse nível de análise, entendemos que essa ocorrência, bem frequente na escrita acadêmica, demarca o compartilhamento da responsabilização enunciativa, mesmo quando escrito por um só autor, caracterizando a “humildade” autoral. Quanto aos demais elementos dêiticos, como eles têm referência “intratextual” (os chamados dêiticos discursivos)

⁴ WU, R. O crime metafísico em Dostoiévski. *Aletria*: revista de estudos de literatura, Belo Horizonte, v. 20, n. 3, p. 37, set./dez. 2010. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Aletria%2020/n%203/19-Roberto%20Wu.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2012.

⁵ MELO, V. A. de. Que modernidade? O esporte em *Os Maias* (Eça de Queirós, 1888). *Aletria*: revista de estudos de literatura, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 201, mai./ago. 2012. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Aletria%2022/22,%202014-Victor%20Andrade.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2012.

e não extratextual (exofórica), também seriam característicos do discurso teórico, conforme também destaca Bronckart (1999).

Então, a despeito dessas ocorrências em alguns resumos, é pertinente classificá-los como compostos por segmentos de discurso teórico. O próprio Bronckart (1999) declara que a autonomia desse tipo de discurso, embora linguisticamente marcada, é relativa e quase nunca completa, e cita como exemplos a presença do autor empírico na assinatura e nas posições/opiniões que se deixam transparecer nos textos.

4.2. Sequências textuais

Machado (1996) apresenta uma proposta teórica de organização sequencial dos gêneros resumo e resenha, a qual, segundo a própria autora, carece de validação a partir de trabalhos de natureza empírica:

Quanto à organização sequencial nos resumos de textos, o que encontramos é uma sequência descritiva, como a de qualquer outro objeto [...]. Através da operação de ancoragem, coloca-se o tema-título, isto é, o título do texto em questão. Através da operação de aspectualização explicitam-se as diferentes partes do conteúdo e/ou da forma textual, que poderão, por sua vez, ser tematizadas. [...] (MACHADO, 1996, p. 143).

Em sua argumentação, Machado defende que os resumos e as resenhas são textos que falam de (ou descrevem) outros textos e aponta uma variação da sequência descritiva: a sequência descritiva de texto, que descreve a forma e/ou o conteúdo; e a sequência descritiva de ação, que descreve ações atribuídas ao autor (começa, finaliza, analisa etc.). Trevisani (2009) testa a hipótese formulada por Machado (1996), comprovando-a com a análise de *abstracts* em inglês publicados em periódicos e que versam sobre o tema ensino/aprendizagem de inglês como língua estrangeira. Assim, partimos da argumentação das autoras e baseamo-nos no esquema proposto por Trevisani (2009) para analisar os *abstracts* da área de literatura. Eis o primeiro:

Resumo Cristóvão (2010)⁶

Este artigo pretende contextualizar a escritora contemporânea Lygia Bojunga Nunes no seu tempo e no seu espaço literário, numa época política em que o Brasil vivia sob ditadura e durante a qual a escritora empenhava-se na luta ideológica. O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre um dos temas importantes de uma de suas narrativas, *A bolsa amarela*, que trata dos problemas existentes nas relações humanas e que faculta uma crítica contundente, por meio de vasta simbologia da realidade social.

O resumo inicia com a ancoragem “este artigo”, seguida da aspectualização “pretende contextualizar a escritora contemporânea Lygia Bojunga Nunes no seu tempo e no seu espaço literário”. “No seu tempo e no seu espaço literário” transforma-se num subtema, seguido de suas aspectualizações “numa época política em que o Brasil vivia sob ditadura e durante a qual a escritora empenhava-se na luta ideológica”. Mais à frente, ocorre a reformulação do tema para “o presente trabalho”, apresentando mais especificamente o objetivo do artigo (“tem por objetivo refletir sobre um dos temas importantes de uma de suas narrativas, *A bolsa*

⁶ CRISTÓFANO, S. A literatura contemporânea de Lygia Bojunga: o dispositivo para o despertar e contristar da consciência. *Fólio: Revista de Letras, Vitória da Conquista*, v. 2, n. 2, p. 21, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/folio/article/viewFile/233/497>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

amarela”), que se torna a aspectualização desse tema. Nesse momento, o sintagma “A bolsa Amarela” transforma-se num subtema, que gera novas aspectualizações: “que trata dos problemas existentes nas relações humanas e que faculta uma crítica contundente, por meio de vasta simbologia da realidade social”.

A análise de outro resumo também confirma a utilização da sequência descritiva:

Resumo Almeida (2011)⁷

Este trabalho analisa o romance *Cereus Blooms at Night*, de Shani Mootoo, que narra a estória de personagens de descendência indiana que imigraram para o Caribe como mão de obra através de contratos de trabalho. Partindo de teorizações sobre performance de gênero, analisa a representação dessas personagens cujas vivências, marcadas pela violência e pela exclusão, estão relacionadas não apenas a sua experiência diaspórica, mas também a suas orientações sexuais e à inadequação dos papéis de gênero às quais estão submetidas.

O resumo tem como ancoragem o sintagma “este trabalho”, que se subdivide em relacionamento (“partindo de teorizações sobre performance de gênero”) e duas aspectualizações: “analisa o romance *Cereus Blooms at Night*, de Shani Mootoo” e “analisa a representação dessas personagens”. Interessante é notar que partes dessas aspectualizações transformam-se em subtema, gerando novas aspectualizações. Na primeira, o subtema “o romance *Cereus Blooms at Night*, de Shani Mootoo” gera como aspectualização “que narra a estória de personagens de descendência indiana que imigraram para o Caribe como mão de obra através de contratos de trabalho”. Na segunda, o subtema “personagens” tem como aspectualização “cujas vivências, marcadas pela violência e pela exclusão, estão relacionadas não apenas a sua experiência diaspórica, mas também a suas orientações sexuais e à inadequação dos papéis de gênero às quais estão submetidas”.

Além de apresentar as fases da sequência descritiva, os resumos apresentam verbos que evidenciam tratar-se de sequências descritivas de textos (“trata”, “narra”) e de ações (“analisa”, “refletir”), o que ratifica as teses de Machado (1996) e Trevisani (2009).

4.3. Plano geral

Quanto ao plano geral, os resumos estudados não apresentam rigidamente o esquema objetivo, metodologia, resultados e conclusão, a despeito do que prescrevem a ABNT e os manuais de metodologia científica. O mais comum é que eles contenham algumas partes, como: objetivo e/ou tema, presente em onze resumos; metodologia, em oito resumos; resultados, em nove resumos; e justificativa, em apenas um.

A fim de oferecermos uma caracterização do plano geral dos resumos estudados, elaboramos a tabela abaixo. Para isso, consideramos três grandes partes em que eles aparecem estruturados: introdução, na qual englobamos o tema e/ou o(s) objetivo(s) e a justificativa; metodologia, que compreende informações sobre o referencial teórico e materiais e métodos; e os resultados. Não mencionamos o item conclusão, já que não houve ocorrência deles no *corpus* em análise.

⁷ ALMEIDA, S. R. G. Bastardos culturais e inglórios: configurações de gênero na diáspora em série de Shani Mootoo. *Aletria*: revista de estudos de literatura, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 113, mai./ago. 2011. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Aletria%2021/21,2/08-Sandra%20Almeida.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2012.

PARTES	RESUMOS														
	Melo (2012)	Coutinho (2011) ⁸	Almeida (2011)	Mendonça, C. (2011) ⁹	Wu (2010)	Feil (2011) ¹⁰	Mendonça, M. (2011) ¹¹	Silva (2010) ¹²	Silveira (2010) ¹³	Hernandes (2009) ¹⁴	Fahl (2010) ¹⁵	Leão (2009) ¹⁶	Cristófano (2010)	Barros (2011) ¹⁷	Botoso (2011) ¹⁸
INTRODUÇÃO	X	X	X	X			X		X	X	X	X	X		X
METODOLOGIA		X	X		X		X		X	X	X				X
RESULTADOS	X				X	X		X		X	X	X	X	X	

Tabela 1: Plano geral dos resumos

Como vemos, apenas dois resumos, Hernandes (2009) e Fahl (2010), seguem mais de perto, quanto às partes que contêm, as prescrições da ABNT e dos manuais de metodologia

⁸ COUTINHO, F. Da terra e do céu, a poesia que vem dos bichos: Manoel de Barros e suas Memórias inventadas. *Aletria*: revista de estudos de literatura, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 131, set./dez. 2011. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Aletria%2021/21,3/12-Fernanda%20Coutinho.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2012.

⁹ MENDONÇA, C. M. C. Um espectador ordinário entre a crítica e a representação. *Aletria*: revista de estudos de literatura, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 37, jan./abr. 2011. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Aletria%2021/21,1/03-Carlos%20Magna%20Mendon%20C3%A7a.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2012.

¹⁰ FEIL, R. B. O (não)lugar do indígena na “literatura brasileira”: por onde começar a inclusão?. *Boitatá*: Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL, Londrina, n. 12, p. 122, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/boitata/volume-12-2011/B1208.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

¹¹ MENDONÇA, M. A. A oralidade no romance *Catatau* de Paulo Leminski. *Boitatá*: Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL, Londrina, n. 11, p. 59, jan./jul. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/boitata/volume-11-2011/B1106.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

¹² SILVA, M. C. A tradição oral apropriada como recurso textual irônico em *Dona Guidinha do poço*. *Boitatá*: Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL, Londrina, Londrina, n. 10, p. 67, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/boitata/volume-10-2010/B1005.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

¹³ SILVEIRA, F. L. A. da. Narrativas de um caçador de *guardados* nas missões sulriograndenses. *Boitatá*: Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL, Londrina, n. 9, p. 38, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/boitata/volume-9-2010/B903.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

¹⁴ HERNANDES, A. N. A mulher e o prazer na poesia erótica de Maria Teresa Horta. *Boitatá*: Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL, Londrina, n. 8, p. 28, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/boitata/volume-8-2009/Andreia%20Hernandes.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

¹⁵ FAHL, A. de O. F. E. *Inutilia truncat*: uma leitura do conto “Civilização” de Eça de Queirós. *Fólio*: Revista de Letras, Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 10, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/folio/article/viewFile/36/274>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

¹⁶ LEÃO, A. Memória e arquivo na narrativa poética de *Dois irmãos*. *Fólio*: Revista de Letras, Vitória da Conquista, v. 1, n. 1, p. 28, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/folio/article/viewFile/5/5>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

¹⁷ BARROS, F. M. de. Parnasianismo brasileiro: conservador e transgressor. *Fólio*: Revista de Letras, Vitória da Conquista, v. 3, n. 1, p. 19, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/folio/article/viewFile/552/611>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

¹⁸ BOTOSO, A. A reescrita, a paródia e o hibridismo como marcas pós-modernas do romance histórico contemporâneo. *Fólio*: Revista de Letras, Vitória da Conquista, v. 3, n. 2, p. 11, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/folio/article/viewFile/580/762>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

científica. Os demais contêm duas ou apenas uma dessas partes. Uma das explicações para tal fenômeno pode ser a ausência de orientações, nas normas de publicação dos três periódicos consultados, quanto à estruturação dos resumos e/ou ao seguimento das prescrições da ABNT. Em dois deles, fala-se somente da necessidade de o trabalho conter resumo com palavras-chave; em um menciona-se, além disso, o número máximo de 150 palavras que ele deve conter. Desse modo, inferimos que os editores partem do princípio de que os autores, membros da comunidade científica, dominam satisfatoriamente as convenções do gênero resumo e, por isso, concentram-se na prescrição de questões de formatação dos textos. Diante dessa ausência de normatizações, os autores sentem-se mais à vontade para estruturar os seus resumos conforme lhes pareça mais adequado.

Vejam os alguns exemplos de resumos analisados.

Resumo Hernandez (2009)

Dispõe-se, aqui, a observar de que maneira a voz feminina, na poesia erótica de Maria Teresa Horta, revela-se uma denúncia da ordem simbólica cultivada pelo patriarcado, na qual a própria linguagem figura como elemento desta coerção. Nos poemas “Joelho” e “Poema ao Desejo”, a voz feminina foi observada, bem como a busca das mulheres pelo prazer, ao lado do propósito da poetisa em atingir a fruição do texto, vinculada, sempre, à luta pelo direito das mulheres.

Esse resumo apresenta, logo no início, o objetivo geral do trabalho, introduzido pelo verbo “observar”. Em seguida, expõe o material a ser estudado, que são dois poemas da escritora Maria Teresa Horta: “Joelho” e “Poema ao desejo”. Por fim, descreve, de forma também bastante sucinta, os principais resultados do trabalho. Além desse, apenas mais um resumo apresenta as três partes, as quais oferecem uma sumarização mais completa do artigo que o segue.

Em outros resumos, aparecem apenas duas dessas partes. Eis um deles:

Resumo Almeida (2011)

Este trabalho analisa o romance *Cereus Blooms at Night*, de Shani Mootoo, que narra a estória de personagens de descendência indiana que imigraram para o Caribe como mão de obra através de contratos de trabalho. Partindo de teorizações sobre performance de gênero, analisa a representação dessas personagens cujas vivências, marcadas pela violência e pela exclusão, estão relacionadas não apenas a sua experiência diaspórica, mas também a suas orientações sexuais e à inadequação dos papéis de gênero às quais estão submetidas.

Nesse resumo, observamos, logo de início, a presença de informações metodológicas: primeiramente, mostrando o material a ser estudado; em seguida, delimitando o aporte teórico que guiará tal análise: “teorizações sobre performance de gênero”. Por fim, apresenta o objetivo do trabalho, introduzido pela segunda ocorrência do verbo “analisa”. Quanto às duas ocorrências desse verbo, cabe um comentário. Embora ele seja comumente utilizado para sinalizar o objetivo do trabalho – o que nos leva, ao iniciar a leitura do resumo, a pensar que ali se encontra o objetivo – percebemos, ao final, que a primeira ocorrência do verbo indica, na verdade, o material a ser estudado.

Outros quatro resumos contêm apenas uma dessas três partes: em um deles, apenas a introdução; em outros três, somente os resultados. Analisemos um exemplo:

Desprestigiado pela crítica literária brasileira canônica e paulista, representada por Antonio Candido, o Parnasianismo na literatura brasileira efetivamente, enquanto estilo oficial da Primeira República e marco da consolidação de nosso sistema literário, apresenta um evidente aspecto conservador que, no entanto, convive de forma ambivalente com a transgressão de seu discurso estetizante e, por vezes, marcado por imagens de um erotismo perverso, evidenciando marcas decadentistas que refletem o ecletismo estilístico do período. A poesia de Olavo Bilac, mais do que nenhuma outra identificada com a escola literária à qual pertence, exemplifica este duplo vetor do Parnasianismo, atestando o seu paradoxo.

Nesse resumo, o autor opta por apresentar apenas os resultados do trabalho, sem indicação de tema, objetivo(s) ou aspectos metodológicos. Como vemos, não há referências dêiticas como “aqui”, “neste trabalho”, que são comuns em textos do tipo. Também não percebemos a presença de verbos que normalmente introduzem algumas partes dos resumos, como “objetivar”, “observar”, “perceber”, seja na forma impessoal ou na primeira pessoa. Assim, embora não seja objetivo deste trabalho discutir o gerenciamento de vozes nos textos, é impossível não atentar para a peculiaridade do resumo quanto a esse aspecto, já que parece mais um texto autônomo do que um texto que faz referência a outro, resumizando-o e, de certa forma, apresentando-o para os potenciais leitores do artigo que segue.

Como vemos, são muitas as formas de estruturação do conteúdo temático nos resumos estudados, o que atesta a fluidez deles quanto a esse aspecto. Isso, no entanto, não parece ser problemático para o cumprimento do objetivo do gênero, já que tais ocorrências foram aceitas com naturalidade por membros de sua comunidade científica e publicados em periódicos bem conceituados da área.

Conclusão

Embora não tenha sido nosso objetivo neste trabalho fazer uma caracterização global do gênero resumo acadêmico, as análises permitem-nos fazer algumas observações de cunho mais geral.

A primeira delas é que, corroborando a tese de Bronckart (1999), os agentes produtores, numa dada situação de comunicação verbal, não apenas escolhem um gênero entre os disponíveis no arqutexto, mas também os adaptam em função dessa mesma situação. Quando comparamos as prescrições e orientações da ABNT e dos manuais de metodologia científica com os resumos efetivamente produzidos e publicados nos periódicos, principalmente em se tratando do plano geral, fica bastante evidente que eles não seguem fielmente a estrutura de objetivo, metodologia, resultados e conclusão.

Como exemplo, podemos citar a configuração da metodologia nos resumos. Ela aparece apenas em oito deles e quase nunca caracteriza a pesquisa. Com exceção de um deles – Silveira (2010) –, que qualifica a pesquisa como etnográfica e descreve os sujeitos envolvidos, os demais apresentam a teoria consultada e/ou os materiais a serem analisados. Uma visão geral dos artigos a que os resumos fazem referência mostra que apenas um deles apresenta seção específica de metodologia – também Silveira (2010) –, dado importante para entendermos a regularidade dos resumos, já que eles refletem justamente o resultado da sumarização dos conteúdos essenciais do artigo. Assim, diferentemente do que ocorre em outras áreas, em que a metodologia é essencial, fica evidente que a explicitação de informações metodológicas não é tão importante em *abstracts* da área de literatura, nem nos próprios artigos.

A segunda, que seria uma explicação para a primeira, é que nem todo agente produtor pode operar inovações nos gêneros. Sabemos que os gêneros são apenas relativamente estáveis e estão constantemente sujeitos a inovações, o que lhes confere uma natureza dinâmica. Entretanto, segundo Bhatia (2001), nesse embate entre estabilidade e mudança, gêneros mais institucionalizados, por terem uma autoria mais social do que individual, seriam mais controlados pelas convenções genéricas, que incluem o propósito comunicativo, a recorrência de situações retóricas e certa organização estrutural. Desse modo, apenas membros legitimados de dada comunidade disciplinar estariam autorizados a operar mudanças no gênero.

Somente os membros da comunidade especializada que adquiriram o direito de apropriar-se das formas genéricas têm o poder tanto de construir, interpretar e usar os recursos genéricos como de explorá-los na criação de novas formas, misturar padrões genéricos e também controlar as respostas dos de fora. Não há melhor ilustração do provérbio “conhecer é poder” que essa do poder genérico. (BHATIA, 2001, 110)

No caso dos periódicos em estudo, de impacto nacional e até internacional, tais mudanças, operadas por membros legitimados pela sua comunidade, encontram uma situação propícia para acontecer, já que se operam pelas mãos de pesquisadores cujo conhecimento reflete-se em legitimação e poder. É evidente que não se trata de uma mudança radical que descaracterize o gênero ou possibilite falar da emergência de um novo gênero, mas os periódicos parecem não se importar tanto com o seguimento rígido de algumas prescrições socialmente aceitas para os resumos acadêmicos, o que fica perceptível não apenas na estrutura dos exemplares estudados, mas também nas próprias regras de submissão de textos que disponibilizam em seus *sites*. Esse fenômeno contraria, de certa forma, nossas expectativas de que o *qualis* das revistas pudesse exercer alguma interferência na configuração dos resumos, de modo que tivessem uma estruturação mais próxima das prescrições da ABNT. Não é isso o que ocorre, pelo menos nos periódicos da área de literatura.

Portanto, a despeito de certas restrições que tentam garantir a integridade genérica, principalmente em se tratando de gêneros acadêmicos, como a atuação dos pares e as regras editoriais, chama atenção, na caracterização que fizemos da infraestrutura textual de resumos acadêmicos publicados em revistas de literatura, a relativa falta de padronização dos resumos, num contexto em que esperaríamos maior atuação das forças que garantiriam a estabilidade genérica.

The textual infrastructure of academic abstracts published in journals of literature

ABSTRACT: This paper intends to analyze the organization of textual infrastructure in abstracts of scientific papers. The corpora is composed by 15 (fifteen) abstracts collected in three journals in the field of literature representing different qualification strata according to journals evaluation by Capes. The data are submitted to an analysis of qualitative and quantitative nature, through the characterization of the abstract genre and the theoretical foundations of Sociodiscursive Interactionism, especially regarding the concept of textual infrastructure. The results show that the abstract infrastructure does not strictly follow the socially legitimated prescriptions to the genre, despite some stability quite characteristic of academic genres.

Keywords: abstract genre; textual infrastructure; sociodiscursive interactionism.

Referências

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. *NBR 6028: informação e documentação – resumo – apresentação*. Rio de Janeiro, 2003.

BHATIA, V. K. Análise de gêneros hoje. *Revista de letras*, n. 23, v. 1/2, p. 102-115, jan./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl23Art18.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2013.

BRONCKART, J-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.

MACHADO, A. R. A organização sequencial da resenha crítica. *The ESpecialist*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 133-149, 1996. Disponível em: <<http://www2.lael.pucsp.br/especialist/172machado.ps.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2013.

_____. Revisitando o conceito de resumos. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MEDEIROS, J. B. *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas*. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

TREVISANI, A. P. A estrutura interna do gênero *abstract* de artigo científico: um estudo sobre a possibilidade de subtipos da sequência descritiva de Adam. *Cadernos de estudos linguísticos*, v. 51, n. 2, p. 201-218, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/cel/article/view/1453/1032>>. Acesso em: 13 fev. 2013.

Data de envio: 10/05/2013

Data de aprovação: 02/09/2013

Data de publicação: 15/04/2014